

**QATILHOS
POÉTICOS**

KALINA PAIVA

**QATILHOS
POÉTICOS**

Trainy

© Copyright 2022 de Kalina Paiva

Projeto gráfico

Tullio Andrade

Edição

Cleudivan Jânio

Simone Andrade

Revisão

Hilanete Porpino

Ilustrações

Georgio Nascimento

Anderson Dragão

Fotografia

Vanusa Maria

Foto de capa

DICKENS, Andrew. Effect domino. 2019. Oil on canvas, 32cm X 40cm.

Coleção particular.

**CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ**

P168g

Paiva, Kalina

Gatilhos poéticos/ Kalina Paiva ; [ilustração Georgio Nascimento, Anderson Dragão] . - 1. ed. - Natal [RN]: Trairy, 2022.

133 p. : il. ; 21 cm.

ISBN: 978-65-86509-24-3

1. Poesia brasileira. I. Nascimento, Georgio. II. Dragão, Anderson. III. Título.

22-75485

CDD: 869.1

CDU: 82-1(81)

Camila Donis Hartmann - Bibliotecária - CRB-7/6472

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida ou transmitida de qualquer modo ou por quaisquer meios, eletrônico ou mecânico, incluindo fotocópia, gravações ou qualquer tipo de sistema de armazenamento e transmissão de informação, sem prévia permissão, por escrito, da editora ou da autora.

Composto e impresso no Brasil - Printed in Brazil

Contato:

The logo for Trairy, featuring the word "Trairy" in a stylized, cursive script font with a decorative flourish under the 'y'.

EDITORA CJA LTDA - CNPJ 13.685.301/0001-48

Rua Justino Xavier de Souza, 2274 - Nossa Senhora de Nazaré - 59062-340 Natal/RN
cjaedicoes@gmail.com / www.editoracja.com.br/ Fone/WhatsApp: 84 99953-5466

DEDICATÓRIA

Esta obra é dedicada aos que, amando a vida, lutam de maneira incansável e sobrevivem bravamente em tempos sombrios.

AQRADECIMENTOS ESPECIAIS

Ao artista Andrew Dickens por ceder gentilmente sua arte.

À Vanusa Maria que, com uma câmera na mão, capta a poesia da vida com tanta sensibilidade nos movimentos sociais brasileiros.

Ao Mulherio das Letras Zila Mamede, em especial, a Carla Alves, Elisângela Tavares e Maria da Penha Casado Alves, companheiras das letras e das formações de múltiplos olhares.

Ao escritor Tullio Andrade pelos incentivos desde que comecei a jogar palavras no mundo.

SUMÁRIO

PREFÁCIO (15)

PARTE 01 – PRÓLOGO (23)

Portal [26]

Caixa de Pandora [27]

Tela [28]

Linha de Montagem [29]

E isto é uma mulher? [30]

Curriculum Vitae [31]

Ópera noturna do toque de recolher [35]

Nota de Aracne [36]

Nota de Atena para Aracne [37]

PARTE 02 – ENTRE GUERRAS (39)

Propósito [41]

Cólica [43]

Circe [44]

Impropriedade [45]

Paiol [46]

Partilha [47]

Sobre luas e lobas [49]

Tábua de maré [52]

Tinta fresca [53]

Um [55]

Legendas [56]

Arrebatamento [57]

Eternidade [59]
Amor de Caronte [60]
Trovas em estações [61]
Plenitude [62]
Preparação [66]
Interlúdio [67]

PARTE 03 – BARBARIE (69)

Disparo poético [71]
Inevitável [72]
Refletores [73]
Protesto [75]
Rotina [76]
Aos vivos [77]
Manaós [78]
Depressão [79]
Quarto crescente [80]
Cortejo [81]
Hereditário [82]
Meus oito anos [83]
Ansiedade [85]
Rezo-luto [86]
Aos mortos [88]
Casa de bonecas [89]
Crônica de uma morte anunciada [91]
Transistância [93]
Amparo [96]
Heliocentrismo [97]

Trapézio [98]
Véspera de feriado para Ícaro [99]
Seus oito anos no feriado [100]
Para cada tirano, uma vela aos vulneráveis [103]
Desaviso [104]
Pentecostes [105]
Lettreiro [108]
Na mira [109]
Lockdown [110]
Espetáculo [112]
Suor [113]
No calor da luta [114]
Censura [115]
Nazil em dois atos [116]
Miguel [119]
Desassossego [120]
Uma voz no fim do túnel [121]
Nota de pesar [123]
Selvagem [124]
Instável [125]

PARTE 04 – CAMPOS ELÍSIOS (127)

Retorno [129]
Cidade Natal [130]
Sonho [131]
Bougainvilles [132]
300 [133]

*“Convém fazeres nova viagem
Disse-me, então, ao ver-me soluçando
E escaparás deste lugar selvagem”.*

*(Virgílio para Dante em A Divina
Comédia)*

PREFÁCIO

A poesia pode significar e dizer muitas coisas. No livro de estréia de Kalina Paiva, ela é acima de tudo uma forma de luta e resistência. E nesse sentido, não se trata de poesia sublime, límpida, rebuscada no nobre ócio de quem medita a uma distância segura de seu objeto. Aqui, a poesia se apresenta através do cotidiano de um país que sangra. Não que falte lirismo ao universo poético de Kalina. Em absoluto. Mas seu lirismo é, por assim dizer, uma música de acompanhamento para canções de guerra.

Conheci Kalina quando éramos adolescentes. Seu amor pelas palavras já estava inscrito em sua personalidade como uma vocação. A poesia brotava fácil em sua voz, assim como a dança em seus gestos e movimentos. Esta poesia que hoje vem à luz me soa estranhamente próxima e distante daquela bailarina que conheci lá atrás... Próxima, porque por ela sou remetido à mesma intensidade, ousadia e paixão da menina por quem me encantei; distante, haja vista a dureza predominante dos temas que aborda e a necessidade de confrontá-los como mulher, mãe, professora, cidadã.

Sim, este livro não é inocente, mas um tiro disparado contra os inimigos da civilização e do humano. Donde o seu título tão sugestivo - Gatilhos poéticos.

Em sua arquitetura geral, o livro exhibe um percurso, como se narrasse uma história de vida - a de um Eu poético, que, no caso em apreço, é o da própria autora. Uma história que emerge aos poucos através de quadros feitos de lembranças, percepções, pensamentos, afetos.

Tem assim um caráter romanesco. Sua estrutura sugere algo de a Divina Comédia, de Dante. Se nesse grande clássico encontramos “Inferno”, “Purgatório” e “Paraíso”, o percurso de Kalina compreende “Prólogo”, “Entre-Guerras”, “Barbárie” e “Campos Elísios”.

Mas talvez melhor comparação se faça com o romance de formação, pois a realidade que emerge em Gatilhos poéticos está centrada fundamentalmente nas experiências pessoais da autora e sua busca individual. Não por acaso, o livro termina com a ideia de uma “volta para casa”. Ora, não é esse retorno a grande aspiração do herói romanesco, aquele que, conforme György Lukács, autor de Teoria do romance, parte rumo ao conhecimento de si num mundo “abandonado por Deus”?

Gatilhos poéticos começa com um “Prólogo” que constitui uma espécie de auto-apresentação: a mulher que fia seus versos - essa “mulher costurada”, como a mãe e a avó - nasceu “um castelo de lego”, logo tributada pela Igreja e pelo Estado; uma mulher “atordoada pela histeria”, esse “estado herdado”; mas ela também sabe “afugentar/ de forma certa/ feras e monstros”.

Desde o início, o leitor é avisado de que o livro que tem em mãos conta as experiências de uma mulher. Não quero rotulá-lo de “feminista”, até porque não enxergo nele uma postura de militância que faça da poesia instrumento de uma causa. Mas é, sem dúvida, um livro em que o feminino transparece em suas múltiplas dimensões, inclusive naquelas associadas à causa feminista.

A segunda parte, intitulada “Entre Guerras” aprofunda um pouco mais esse aspecto de gênero. A mulher aparece como mãe. Por exemplo, em “Circe” emerge o conflito entre a mãe com seus afazeres domésticos e a mulher com seus desejos; ao mesmo tempo, o poema parece sinalizar para a experiência do confinamento que mais à frente será abordado diretamente. A dimensão pessoal e a dimensão coletiva se entrelaçam a todo momento. Em “Recato”, o que em “Circe” é apenas uma breve alusão, surge em toda a sua clareza poética: o gozo erótico de uma mulher livre. É nessa seção que a poesia de Kalina se permite seus vãos mais líricos. A temática amorosa flui aqui em versos que nunca descambam em sentimentalismo pueril, nem em exaltações de amores ideais. Trata-se de amor carnal, intenso, comprometido, mas finito e ciente de sua finitude, pois, como se diz em Eternidade: “O fim sempre está próximo”. Em Amor de Caronte, a amante insta o amado a se livrar de seu medo, a dizer de seu amor, dando-lhe um ultimato: “Não posso morar/ a vida inteira nesta tarde/ Se não vieres comigo,/ eu vou seguir viagem”. O tema do amor não distancia Kalina da realidade do conflito e das tomadas de posição. Afora isso, destaquem-se as evocações da avó, que ganham contornos épicos em “Sobre luas e lobas”.

Na terceira parte, intitulada “Barbárie”, somos levados ao que em Dante equivaleria ao inferno e que constitui o ponto fulcral do itinerário aqui percorrido. Não por acaso, na economia do livro, é a sua parte mais extensa. O inferno brasileiro da violência, da miséria, da

pandemia, dos descabros políticos, é traduzido numa linguagem que, em seus melhores momentos, faz lembrar a tradição da poesia social de Carlos Drummond de Andrade e Ferreira Gullar. Versos curtos, cortantes, às vezes irônicos, às vezes desiludidos, às vezes esperançosos, mas sempre políticos, humanamente políticos. Fatos cruéis que esmagam o povo brasileiro e que compõem a crônica diária do noticiário da TV e das manchetes dos jornais compondo a matéria-prima do ofício poético.

Nesse caleidoscópio dantesco, episódios reais de um cotidiano absurdo são tomados pela poesia. A pequena Ágata, vitimada por uma bala disparada da arma de um policial. O músico negro abatido com 80 tiros numa inexplicável operação de militares do exército. O assassinato de Marielle Franco pelas milícias. O caso do menino Miguel, morto ao cair de um prédio quando se encontrava sob os cuidados de uma descuidada patroa em Boa Viagem. Estes são alguns episódios evocados aqui. É a poesia como denúncia. E fique dito que nenhum poeta se aproxima desse tipo de crônica cotidiana sem pagar um preço. Ao mesmo tempo, a poesia também vive justamente do desafio de enfrentar o que o hábito encobriu a fim de tornar o real novamente digno de espanto. Num país em que a violência parece algo “normal”, talvez a poesia possa ajudar a desfazer esse feitiço da alienação.

“Barbárie” toca em muitos pontos nevrálgicos da realidade de hoje, como se pretendesse traçar um panorama, pintar um painel, um grande afresco do mal coagulado nesse começo de milênio. Mas um afresco onde preva-

lece não a melancolia, mas o tom altivo do grito de guerra, não a tristeza e o luto, mas a esperança e a luta. A luta no campo por terra, a luta nos hospitais pela vida, a luta pela liberdade contra as investidas de um Estado autoritário, a luta cotidiana das mães e das mulheres pela dignidade, a luta contra a indiferença e pela empatia, a luta contra a miséria, a luta pela memória dos injustiçados, a luta forjada nas ruas, mas também na privacidade das casas e dentro dos próprios indivíduos - a luta, enfim, como princípio. A poesia como forma de luta e resistência.

E é assim que de “Barbárie” se vai a “Campos Elísios”, a parte final desse périplo poético. E não se engane o leitor: nenhuma paz ou redenção há de se encontrar que não seja no campo de batalha do real, no concreto aqui e agora. Kalina não oferece outra perspectiva em seu livro, recordando, no último poema, 300, os mortos pela pandemia no país, números de guerra que se atualizam dia após dia.

Há quase um século atrás, o grande poeta e dramaturgo alemão Bertold Brecht escreveu em seu poema “Aos pósteros”: “Que tempos são esses, em que falar de flores é quase um crime, pois significa silenciar sobre tantas atrocidades!”. Nos tempos sombrios de hoje, com tantas mortes e ameaças que pesam sobre a nossa frágil civilização, a poesia é chamada a se engajar, a resistir e lutar. Gatilhos poéticos nasce dessa consciência, de uma justa e humana revolta.

Diga-a, por fim, que poesia não é apenas um desafo, um grito, uma extroversão. Há que maturar a linguagem, eleger as palavras, lapidar o verso, esculpir a frase, ouvindo sua melodia secreta e dando-lhe a forma conve-

niente. Kalina não descuida desse compromisso com o fazer próprio do poeta. Trabalha seu material. E há momentos em que, a despeito do caráter espontâneo de sua escrita neste livro, ela chega a sínteses que, a meu ver, não decepcionariam os ouvidos mais criteriosos e delicados. Seja como for, é certo que faz jus à língua portuguesa.

E aqui peço permissão para uma nota pessoal. Ao ser convidado para redigir este prefácio, o que muito me honrou, reconheci de imediato que a pessoa mais apropriada para fazê-lo teria sido meu pai, jornalista, crítico literário e escritor Nelson Patriota, falecido em janeiro de 2021 após três meses de luta contra um câncer inclemente. Kalina, que o conheceu, e que foi uma das primeiras a lhe prestar homenagem nas redes sociais (no mesmo dia em que me enviara, ainda sem saber de sua morte, uma matéria do Substantivo Plural sobre a obra de meu pai), teria encontrando nele um grande incentivador e um crítico generoso, perspicaz e erudito, dotado de um olhar especialmente sensível para os escritores e poetas mais jovens. Prefaciando o livro de Kalina, esta amiga de longa data, marcante em meu processo de educação sentimental, foi também, para mim, uma forma de lembrar meu pai através daquilo que ele tanto amava: a poesia e os poetas, os mortos e - sobretudo - os vivos.

Rainer Patriota
filósofo, tradutor e músico

The background is a dark, monochromatic illustration with a heavy, textured appearance, resembling charcoal or dark ink on a rough surface. On the left side, a leather jacket is depicted, showing a collar with several rows of circular studs. A leather glove is visible on the right side, with a ribbed wristband. The overall mood is gritty and industrial.

PARTE 1
PRÓLOGO

**A POESIA
É UM GATILHO
DISPARADO
DE QUALQUER
LIVRO.**

PORTAL

Canto aqui
em carne viva,
com pele debaixo da unha,
vestígio de luta diária.

Como um verme,
rompi a pele
da palavra.

Bicho indomável,
ganha-mundo.
Constrói pontes,
abre fendas,
abismo profundo.

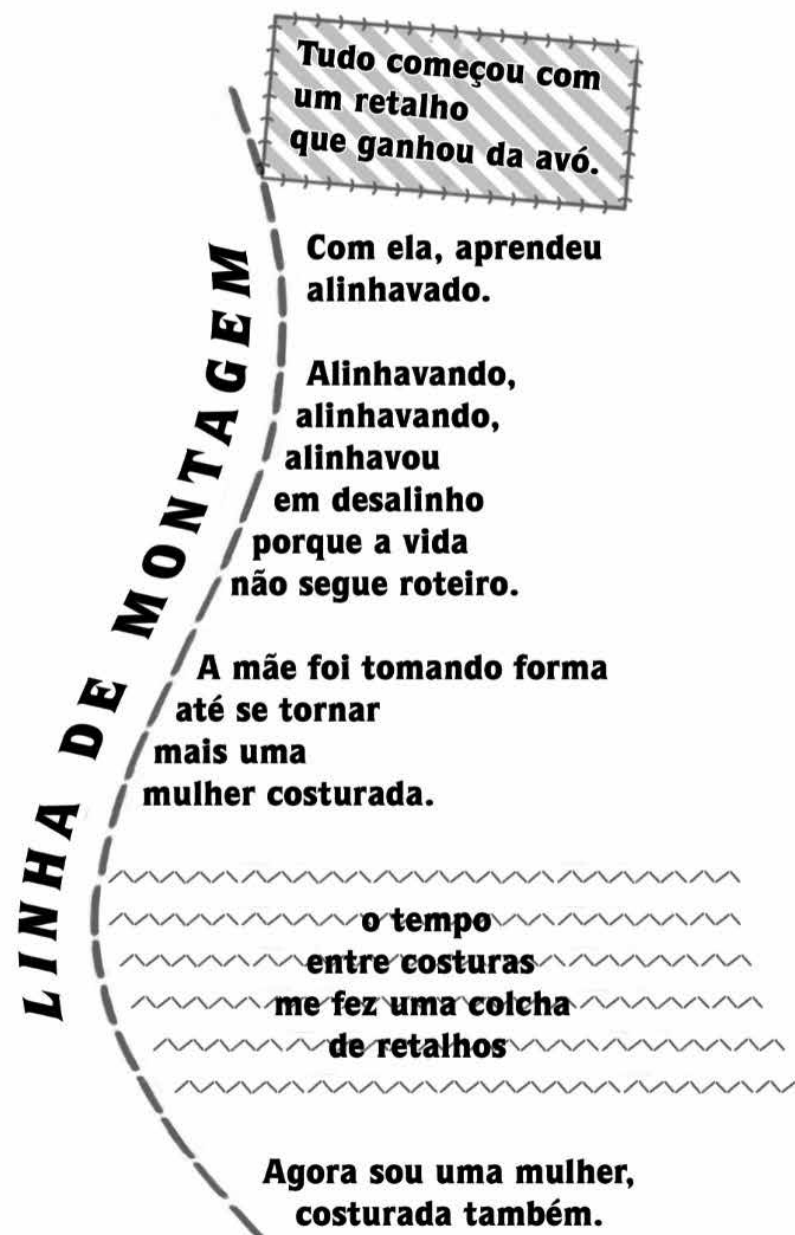
CAIXA DE PANDORA

Eu-só
me escrevo.

E, se minha escrita
é um tanto patética,
é que eu nunca tive
infância poética.

TELA

A palavra entra,
me fotografa
por dentro,
faz de mim
exposição.



E ISTO É UMA MULHER?

Quando nasci um castelo de lego,
não demorou muito:
veio a Igreja e levou uma peça;
veio o Estado, levou outra.

De peça em peça,
despiram minha roupa.
Me fiz desconstrução.
Pela legitimação,
me chamaram de louca.
Mas ainda tenho boca
e um febril coração.

Peguei linha e agulha
– ímpeto que me vasculha –
me espetei para beliscar.
Os guardados de vovó
serviram para despertar,
reerguer, costurar.

Dos pedaços de lego,
um legado para abraçar.

DICKENS, Andrew. Untitled. 2020. Acrylic on canvas paper, 32cm X 40cm. Coleção particular. >>

CURRICULUM VITAE

Saí da casca aos 18.
Desde então,
carrego uma adaga na mão
e uma bandeira na outra.

Fiz intensivo
na selva hipnótica,
colorida de perigos,
e faces hipócritas,
me sorrindo como uma hiena
antes de atacar pelas costas.

Não conheço esquiva.
A vida é uma rota
por onde se caminha
– equilibrando-se –
na ponta do caos.

Meu corpo fechado
protesta os tempos
de chumbo,
nublados de obscurantismo,
brumosos de miséria
legalizada.

Nasci atordoada
pela histeria.



Grito quando dói.
Mordo quando sangro.
Farejo bem
para afugentar,
de forma certa,
feras e monstros.
Meu estratagema:
me escondo ou me mando.

Não é qualquer pé de cabra
que consegue abrir
meu corpo fechado,
nem com remédio controlado.
Minha histeria é um estado
herdado.

A censura que me veste,
termina onde começa
o meu decote em V,
de Vitória,
meu nome de guerra.

A POESIA
ME FAZ OUVIR
VOZES.

ÓPERA NOTURNA DO TOQUE DE RECOLHER

20h. O sinal, abrindo e fechando, disputava seu solfejo tímido com o potente vento que parecia espancar um copo descartável. Perto dali, um homem dormia seu sono profundo, rente ao muro do cemitério. Vozes de trovões no céu anunciavam a tempestade. Solista, a chuva apareceu após um clarão, lavando aquele corpo descartável.

NOTA DE ARACNE

Os campos orvalham esperança...

Olho para aquela manhã
como uma flor se preparando
para sorrir pétalas.

Enquanto o sol não nasce,
vou tingindo minhas roupas de terras,
deitada na relva,
aguardando os primeiros raios.

Mas as nuvens de chumbo
tomaram conta dos meus versos
em temporal.

NOTA DE ATENA PARA ARACNE

Da tua corda,
faço uma teia,
para que não se fie
a dor que te enleia.
Entre verso de vida
e de desencanto,
teu destino esse balanço.

The background is a dark, monochromatic illustration with a heavy, textured appearance, resembling charcoal or a dark ink wash. On the left side, there is a detailed depiction of a leather jacket, showing its collar, buttons, and a strap with several circular metal studs. The right side of the image is dominated by a large, vertical, textured shape that looks like a piece of crumpled paper or a rough, layered surface. The overall mood is gritty and industrial.

PARTE 2
ENTRE
QUERRAS

PROPÓSITO

A trégua das horas
é aula que sempre termina
e às minhas mãos ensina
a afiar espada, Aurora.

**A POESIA
É MAR
INFINITO
DE ÁGUAS
INTRANQUILAS.**

CÓLICA

Aquilo que a ostra
mais ignora
lapida a pérola
em seu ventre.

CIRCE

As tarefas domésticas
sobrevêm emboscando,
mas ainda consigo andando
me mover como mulher,
enquanto a maternidade
me encurrala.

Não posso gozar alto.
Ouvidos sociais
soluçam entre grades,
estabelecem um silêncio
in cômodo.

O sinal está fechado.
O céu ficou cinza.
A abstinência é lei
que entra em vigor
e cospe na pouca humanidade.
Tudo parece uma onda gigante
que apavora quem não sabe nadar.

Essa é a deixa:
hora de mergulhar.
Mesmo que os corais cortem,
desço às profundezas,
ávida, cúmplice, presa
até que as águas me tornem concha.



PAIOL

Quando a vida acorda atroz
e não me banha de sol,
colho do luar madura noite,
adormecida em um paiol.

Ao longe, mar alvissareiro,
sussurra aos meus ouvidos.
Na tranquila maré baixa,
só eu ouço os seus gemidos.

Do alto mar caudaloso,
a profundidade se revela.
De dentro das minhas grades,
logo é forjada a janela.

O luar me possui,
penetra-me a maresia.
Meus poros são uma casa
que se abre em poesia.

Minha espuma arredia,
coberta de sal e areia,
em espasmos com o vento,
ouriça, explode e ondeia.

PARTILHA

De volta, por instantes,
fui pega em distração
pelas memórias de infância,
do amor em comunhão.

A casa da minha avó,
na manteiga que derretia,
estava ali, diante de mim.
Eu, servida de alegria.

Sorriso no rosto, então,
porque nenhuma tristeza
permanece à mesa
na hora de partir o pão.

Sorriso no rosto, então,
porque nenhuma tristeza
permanece à mesa
na hora de partir o pão.

SOBRE LURS E LOBAS

No coração da fonte
vejo a minha avó,
sentada,
regando raízes
e colhendo horizontes.

Ela conta assombrosas
histórias do mundo,
de encantamento,
de amor e do mar.

Chora emocionada
porque viu passarinho
passar,
cantando,
falando com ela
o segredo da terra, do ar,
dos espaços celestiais
e tudo que neles há.

Ela traduz a fala dos bichos
com a naturalidade
de um bebê
que abraça o mundo
com os olhos rijos.

Depois, volta a fazer os doces,
pois “a vida tem amarguras”,
diz ela.

Suas frases improvisadas
entram nos ouvidos
como flechas.

Rimos de doer a barriga
e as bochechas,
e tudo o mais ao redor.
O mundo ri do mundo
na fala da minha avó.

Ela não é bruta.
Ela é só mistério,
é um sertão inteiro,
erguido como império
que parece nunca acabar;
é resistência e dureza
pelo desejo de matar
a fome de muitos.
Por isso reúne.
Por isso muita gente ao redor.
Por isso a casa cheia.

Vazios e silêncios,
um sobrado,
só vi nos olhos dela

quando vovô partiu.
A cama, os lençóis macios:
um desarrumado arrepio
que quebra e emudece.

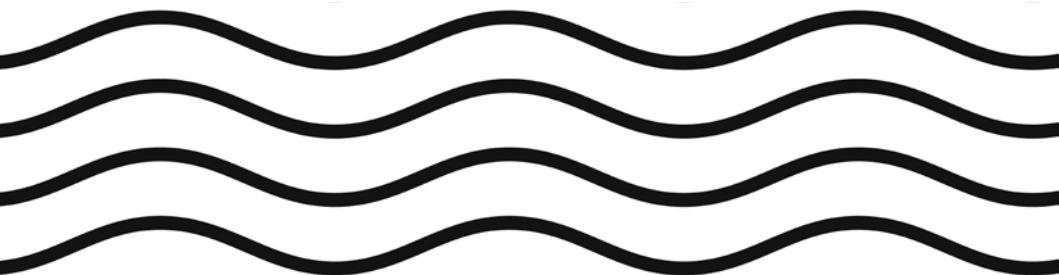
Depois, ela se (re)fez
forte, gigante,
alternando estranhos silêncios
no segredo dos instantes,
naquela cara de índia,
onde a beleza não finda
naquela pele fumegante.

Vovó é minha chance
de retorno à inocência;
cura, essência e potência,
fonte de muitas raízes,
– é o que as chuvas dizem –
fincadas nos verbos da terra.

TÁBUA DE MARÉ

Nas cheias
das minhas águas,
em meus calendários
lunares,
há mares.

Amares
que vem
para o bem.



TINTA FRESCA

Vem, amor,
antes que a chama acabe
e só restem o mar, o vento,
os coqueirais ao relento.

Vem, amor,
antes que à minha volta
se aninhe o vazio,
o medo do escuro e do frio.

Vem, amor,
e segura a minha mão.
O mundo parece tinta fresca,
o tempo todo dantesca.

Somos segredos,
partilhados a dois...
– contagem regressiva –
Um.

UM

O bem querer
celebra a primeira lua,
dançando liberdades
sobre a areia do mar.

Assim ele me toma:
líquida
com a pele em chamas.

Somos segredos,
partilhados a dois...
– contagem regressiva –
Um.

LEGENDAS

Nas entrelinhas do teu corpo,
repousam minhas palavras
em legendas múltiplas,
acomodadas uma a uma.

A poesia finca suas garras,
lavrando a terra que conheço:
teu corpo afagado.

Na inútil tentativa
de traduzir...

ARREBATAMENTO

Mergulho no sagrado.
Faço pactos com o profano.
Reconheço:
teu amor é um vício.
Me deito bebendo cicuta
para experimentar o cilício.

Não há liberdade
poética no Éden.

ETERNIDADE

No azul, vigia derradeira,
lá, na linha do horizonte,
eterna, aquela escudeira,
barca sutil de Caronte.

AMOR DE CARONTE

No céu a névoa, o vento, noturno auspício...
Encontrou distraído um coração.
Aconchegou-se em brusca migração,
Ele, velho marinheiro de ofício.

Viu marés – navegante vitalício –
Já ao longe velas içadas então
Pungente, em face àquela adoração,
Buscou no breu o peito para seu vício.

Aninhado, vil, plantando as saudades,
Retesado e pleno em meias verdades,
Não encontrado em pontos cardeais,

Era o Amor breve, mortal e silente
Que logo chacoalha o peito da gente,
Amor fugidio sem lar e sem cais.

TROVAS EM ESTAÇÕES

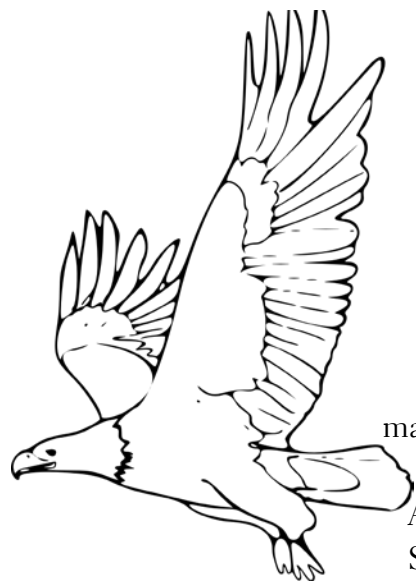
Ouvi segredos das flores
– primavera em confissão –
suas invernosas dores,
guerras vencidas: verão.

O teu brilho em imensidade
cobre de sol a praia;
carrega a doce saudade
nessa memória altaneira.

“E do que tua alma é feita:
memórias, mar, fantasia...?”
“Na tarde mais rarefeita,
sou feita de maresia.”

Dissolvido o etéreo instante
na aflição em brevidade,
neste meu corpo, cortante,
aterrissa uma saudade.

PLENITUDE



Fim de tarde,
a avezinha atravessa
o límpido céu azul
em um momento
de sua eternidade.

Prosegue,
aponta para o alto,
rumo ao seu esconderijo.

Suspira cansada,
mas continua o voo ao abrigo.

A dor brinca em seus ossos.
Seus olhos enxergam além,
depois do horizonte de dor.
Suas asas flanam tão bem,
sentem a direção do vento
e se afastam do relento.

O tempo muda.
Nas brumas, desaparece.

Chegou a sua hora
de levantar uma prece,
de trocar todas as penas,
de cair o bico que emudece
e contemplar o silêncio.

O universo de imperfeições,
sopra ventos em estações.
O início nunca é primaveril
em suas felicitações,
mas uma descida vil,
de assustar os verões,
por dentro do inverno
que congela corações.

A ausência de luz,
as pancadas de chuva,
a vista que fica turva;
as tempestades,
o céu nebuloso,
tudo de mais assombroso...

A avezinha se recolhe,
parece menor que de costume.
Agora, só silhueta
de asas, de ave,
no brilho dos olhos o gume.

Na lúcida metamorfose,
perde as finitas penas,
uma a uma e seu alforje
guarda lágrimas serenas.

Ela se torna espera.
O amanhã inda não vem.

A força, a cada semana,
na fragilidade lhe sobrevêm.

Quantas chuvas fazem uma águia?
Quantos sóis para forjar no calor?
Quantas estações, intocada,
ela não voou?

Mistérios de Cronos,
ocultos na caverna,
preparam a águia
de natureza etérea.

A sabedoria é um templo,
feito de sombras e glórias.
Os dias vão e vem
como aves migratórias.

Lá embaixo, no profundo,
existe um mar ávido,
vigiando um momento fecundo:
o voo de uma ave, que jaz,
escondida do mundo.

Dessa vez, o mar bramido
adormeceu suas ondas,
cansado e distraído,
suas águas cessaram a ronda.

O sol surgiu no alto
para o qual ela mirou.
Flecha no horizonte,
para além, ela apontou.

Se fez ave novamente
em toda a plenitude,
para abraçar a liberdade
e entender sua finitude.

A vida estava ali
entre o céu e a terra.
Feito grama verde,
o mar ainda a espera...

PREPARAÇÃO

Enquanto tua mão
segurar a minha,
sempre vou lembrar
que não estou sozinha.

E, mesmo afastados,
a lembrança de tua mão
manterá sempre forte
o meu pequeno coração.

Mas, quando a tua mão
a minha de leve espalmar,
saberei que chegou a hora
de os monstros enfrentar.

INTERLÚDIO

Na calada da noite,
pio de coruja
é um aviso:
a terra está densa de chacais.



PARTE 3
BARBARIE

DISPARO POÉTICO

Tive que invernar palavras
para dar novas formas
aos amores,
aos medos,
aos monstros.

INEVITÁVEL

Apesar da masmorra;
Apesar da guilhotina;
Apesar da corda
no pescoço das meninas;
Apesar da fogueira
para as bruxas uma sina;
Apesar das cercas elétricas
enroladas e patéticas;
Apesar dos muros e paredões
e dos tiros de canhões;
Apesar dos decretos
e de todos os vetos;
toda palavra é habitável.

REFLETORES

Minhas palavras
não são medievais,
são artesanais.
Em luz e sombra,
umbrais.



Foto de Vanusa Mariah. Lutar (2019). Registro feito na manifestação de estudantes, em 15 de maio de 2019, na cidade de Natal-RN, contra o corte no orçamento das instituições públicas de ensino.

PROTESTO

Lâminas de palavras
são meu brinquedo;
roleta-russa
que atiro para o alto
e as observo,
caindo como chuva,
cortando o vento
em música kamikaze
pontudas,
ásperas,
cruéis,
longe de qualquer afago.

Porque os tempos
pedem armas
ecléticas,
frenéticas,
poéticas,
para o ser mulher.

ROTINA

Acorda.
Desembainha a espada.
Pega. Afia. Treina.
Sai de casa.
Cruza sua fronteira.
Desafia escassez
e pobreza.

Quando não há saída,
só dança com a morte
quem tem sede de vida.

Inimigos. Peste. Leões.
Todos à espera da presa.
Tocaia silenciosa e acesa.

A lâmina agasalhou a batalha.

Na volta para casa,
a insistente sobrevivência
ostentava o leão transpassado
pelo gume da espada.

Ela é mãe.

ROS VIVOS

Para ver as cores
das tintas
do horror,
olhe a História
do retrovisor.

LEMBRETE: “O Brasil precisa se reconciliar com sua história; aceitar que foi ‘construído’ sobre um cemitério.”

(Daniel Munduruku)

MANAÓS

Ajuricaba, agora corpo cativo,
com ruidosas correntes o inimigo,
para o comércio escravo o adornou.
Em um só dia, o cerco sobre ele fechou.

Exibido na canoa, reluzente troféu,
aos lusos, negou aquele destino cruel.
Ao rio, ofereceu o rebelde guerreiro,
seu corpo e espírito, entregues por inteiro.

Assim, ao Rio Negro, ele se misturou:
a liberdade das águas a sua alma tragou,
tingindo com sangue dos manaós o flume
capturados, assassinados como de costume.

Até hoje, se pode ver a valentia de suas águas,
desenhando caminhos em suas espáduas.
Encanto dos rebeldes e também dos afogados,
os guerreiros manaós sempre serão lembrados.

DEPRESSÃO

Videira sem ramos,
agonizando
dentro de um pássaro
mudo.

QUARTO CRESCENTE

Um dia, um inquisidor
batizou-me bruxa
só porque eu amava
a liberdade;
mudava como a lua,
fazia minhas escolhas.

Aquele ser quis
cobrir minha pele
de medo,
tristeza,
e cinzas.

Tudo isso
enquanto eu via
passar minha vida
de trás para frente.

Todo dia,
uma fogueira diferente.

CORTEJO

Meio da tarde.

O Comendador encontra a mulher dos seus sonhos,
sendo agredida verbalmente por outro homem.

Ele a defende. Ela agradece.

- Não aprovo agressão contra mulheres.

Disse o coronel à sua amada, após ter açoitado a
[mucama no pelourinho.

HEREDITÁRIO

O tempo amanheceu
de corpo fechado.

Do chumbo celeste,
se fez espora
sobre o teu corpo.

Naquela diáspora,
escondi uma semente
no teu samba.

MEUS OITO ANOS

Oh! que saudades não tenho,
crepúsculo da minha vida,
da minha infância temida
que os anos só trazem ais!
Cortando cana, torpores.
Quebrando castanha, horrores!
Perdendo minhas digitais,
à sombra do cajueiro,
no sol dos canaviais.

Em farelos, os dias
dessa vil existência,
perdendo toda inocência,
angústia, fome e dor;
o mar de suor escorrendo,
longe da escola azulada,
com uma fachada dourada.
Ah, o horror! O horror!

Que auroras? Que sol! Que vida?
Que noites de melodia?
Naquele nunca folgar!
Céu nublado sem estrelas,
a terra de crianças cheia,
plantando naquela areia,
só labuta, só penar!

Oh! que saudades não tenho,
crepúsculo da minha vida,
da minha infância temida
que os anos só trazem ais!
Cortando cana, torpores.
Quebrando castanha, horrores!
Perdendo minhas digitais,
à sombra do cajueiro,
no sol dos canaviais.

ANSIEDADE

O amanhã
é um ácido,
comendo as paredes
do meu intestino.

O amanhã
engoliu
o meu agora
e não me deixa
respirar.

E se?

REZO-LUTO

*Poesia alusiva ao Movimento
#elenão, no Brasil de 2018.*

A ele
que cospe ódio
sobre a minha cicatriz,
abrindo na ferida um chafariz,
reservo a força dos meus pulsos.

A ele
que vomita o horror
sobre a minha identidade,
calço coturnos de verdade,
feitos de salto Luís XV.

A ele
que se embriaga de fascismo
e me apalpa como objeto,
misoginia que não reprojeto,
berro meu grito ancestral.

A ele
que busca me amordaçar,
chamo pelas lobas das matilhas,
infinitas avós, mães e filhas,
juntas a caminhar.

A ele
que desumaniza,
oferecemos um NÃO,
pleno de desconstrução
com unhas e dentes (e batom).

ROS MORTOS

Em memória de...
lapidamos a humanidade
em lápides que suspendem
nossa desigualdade.

Inda não aprendemos
com túmulos e memoriais,
com museus e lágrimas,
com sons e sinais.

Holocaustos, ditaduras.
Faca, espada, fuzil.
O camburão na favela
divide em cor o Brasil.

CASA DE BONECAS

*Em memória de Marielle Franco, assassi-
nada com quatro tiros, no dia 14 de março
de 2018, no Rio de Janeiro.*

I
No princípio,
o grande pai,
por tradição,
criou uma casa.

II
No segundo dia,
viu a Casa Grande vazia.
Jogou seios de leite,
pintando suas paredes,
e a chamou de mulher.

III
No terceiro dia,
trancou a mulher
dentro da mulher.

IV
No quarto dia,
o tempo envelheceu séculos
e amontoou mulheres,
muitas e tantas,

de todas as cores,
dentro da casa.

V

No quinto dia,
não satisfeito,
criou os porões,
as senzalas rurais,
para as pretas.

[hiato]

Sonâmbulas,
elas não sabiam
falar a língua
da liberdade.

VI

No sexto dia,
a mulher se fez favela,
engoliu o caos da maré
[miliciada]
e explodiu.

VII

Finalmente,
no sétimo dia,
o silêncio não descansou.

CRÔNICA DE UMA MORTE ANUNCIADA

Com 80 TIROS e muito deboche,
comandado por um fantoche,
o exército nos livrou de repente...
de um músico negro e inocente.

E os cacos de vidro no estômago,
triturando o flanelinha,
servidos com sorriso no rosto
do fascista numa quentinha?

Alguém de plantão na lida
em alguma DP,
para devolver
nossa humanidade perdida?

Um BO póstumo, coletivo,
torna mais subjetivo?
Dá uma cara à atrocidade
um RG volitivo?

Somos apenas peças
num tabuleiro de jogos?
Que operandi modus!
Que pessoas são essas?

O fascismo em seu requinte,
depois de hoje atirar,

só pensar no dia seguinte,
para seus dentes mostrar.

Como queima de fogos,
o furo do jornal sacudiu,
anunciando a tragédia
que o mundo inteiro viu.

Missa de 7º dia,
a cara do Brasil.

TRANSISTÊNCIA

Minha força
não vem dos cabelos
que em tuas mãos jaz,
se misturando aos teus pelos.

Minha força não é postiça.
Do horror, não sou “filho”.
Quanta implicância
com meus longos cílios!

Propositalmente,
uso delineador,
desenho olhos de fera,
com a tinta do teu ardor.

Dou rabissaca
com risada frívola.
Miro no teu desejo.
Pareço até tua amiga.

Insuportável e odioso,
teu sexo vem à minha mão,
úmido, quente, feroso
na minha direção.

Procuras, cingido de medo,
o forte calor dos meus dedos,

atirando para cima,
até meus lábios de ímã,
coloridos de batom,
em tom vermelho neon,
descer pela tua colina.

Publicamente,
punhos fechados enfim.
Secretamente,
se abrem dóceis a mim.
Só a mim
sem pressa, sutilmente.

Entre mundos,
a mentira é tua sombra,
escondida nos fundos
da tua paranoica lombra.

Enquanto sapateio
no teu imaginário,
debocho do teu galanteio
clichê e otário.

Incapaz viver assim
para o que nasceu,
atiras em mim
um universo que é teu.
Mira no meu coração
teu ego ferido

em desconstrução
sob meu gemido.

Aturdido, em tua toca,
lança uma bala perdida,
feita de tua lágrima odiosa
para apagar minha vida.

Ausente minha existência
meu corpo, tua última foda.
Continuo viva, em transistência,
cuja memória a ti incomoda.

AMPARO

Viraliza, no silêncio apático
do povo dessa cidade,
a inebriante letalidade
d'um fascismo assintomático.

Beijo meu patuá e corro
em busca de proteção.
Encontro a tua mão
estendida em meu socorro.

Me sorri o teu amor,
esperando sem atalhos,
libertando-me do horror:

amparada na agonia
como a colcha de retalhos
com que vovó me cobria.

HELIOCENTRISMO

Pega, amor,
estou te dando
as voltas do mundo.



TRAPÉZIO

Todo dia,
sem descanso,
seu corpo se contorcia.

Ele sempre se equilibrou na vida
com duas cordas
e uma barra de ferro.

Para viver,
não é preciso muito,
respeitável público.

Mas bastou uma distração
para a corda arrebentar
e levá-lo à lona.

Na vida,
não há rede
de proteção.

Aquele dia
foi um aviso para Ícaro.

VÉSPERA DE FERIADO PARA ÍCARO

Essa poesia,
feita na quarta,
com cara de sexta,
em tempo fechado,
sempre domingo.

Importa o tempo
em quarentena?

Amanhã, levanto
com aspas abertas...”

SEUS DITO ANOS NO FERIADO

Festa.
Ágatha, 8 anos.

Céu claro, 38o,
02 de novembro:
uau!
O Rio continua lindo.
Vento variável vem vindo,
ruim para barcos pequeninos
no alto mar.

Menina maravilha,
preta ancestral:
Ágatha, 8 anos.

Lá se vai ela na kombi:
sorriso franco,
corpo matável.
Ágatha, 8 anos,
sorrindo e brincando
dentro do tumbeiro.

“Pá rá pá pá pá pá!”
Toca a melodia,
acalanto que embala
convicções e táticas
militares.

Balas da guerra
que não era sua
a colocaram
pra dormir na rua
o sono eterno:
Ágatha, 8 anos.

Há cor na morte
por fuzilamento.
Há mandante,
há cúmplices,
há torcida.
Imperadores do ódio.
Rio nada redentor.

Lá se vai mais uma
crucificada.
Cruzes!
Muitas cruzes.

Os projéteis de bala
de arma de fogo
enfeitam a localização
da lápide,
da barbárie.

Ágatha, 8 anos,
menina-boneca

para aliviar frenesis
da brincadeira
dos adultos
que vibram a morte
como final de copa do mundo.

#rip

Tragam as velas do bolo
antes que venham as próximas balas.

Velamos mais um corpo.

PARA CADA TIRANO, UMA VELA AOS VULNERÁVEIS

Nesta vida inglória,
busco a força de um milagre,
em retalho de memória,
antes que seja tarde.
A via crucis é trajetória
com gosto de vinagre.

Para cada tirano,
uma vela aos vulneráveis,
rodando nesta ciranda
de armas implacáveis.
As balas no céu pintando
pipocam fascismo nos ares.

Um necrosado líder se entoca
de bocas e olhos abertos.
Espera o povo sair da toca
na terra de monstros despertos,
mirando a crua poesia,
tentando calar nossos versos.

A cada alma perdida,
por morte ou censura,
e decretos com garra urdida,
lanço a semente:
de resistência embevecida
contra o raspão da Ditadura.

DESAVISO

E a compaixão
que se ensina
no conto era uma vez?

O real é um desaviso
ou a palavra se desfez?
Que cor tem a empatia,
acaso se putrefez?

Tanta gente sai de casa,
carregando um talvez,
embrulhado na sacola
todos os dias do mês...

Os silêncios sociais
nas rotinas mortais
dizem quando será sua vez.

PENTECOSTES

Todos a postos,
no pasto.

O banquete de
laranjas e chocolate.

Descida do espírito;
de carregamento;
de fake news.

Lá vai a legião...
sem máscaras,
sem álcool,
sem saber,
atrás do Messias.

Lá vai a legião...
sem máscaras,
vestida de fé
na cloroquina,
atrás do Messias.

Lá vai a legião...
sem máscaras,
gabinete do ódio,
robobres caudalosos,
atrás do Messias.

Lá vai...
[disparos!]

Que tiro foi esse?
Não tem auxílio.
Que tiro foi esse?
Não tem oxigênio.
Que tiro foi esse?
Não tem vacina.
Que tiro foi esse?

Alinharam o tempo;
deixaram a História
em retalhos, sem costuras.

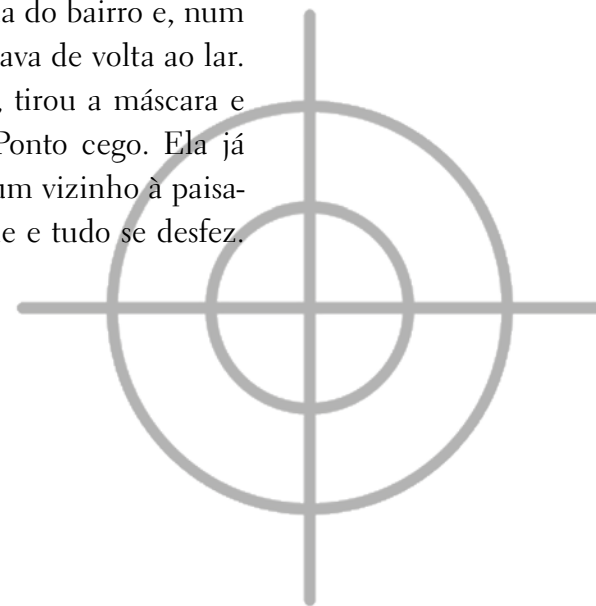
Rascunharam um Brasil,
rodando atrás da cauda,
intubado de ignorância
com muita convicção.

A POESIA,
EM QUARENTENA,
É UM REAGENTE.



NA MIRA

Sua casa ficava por trás de uma longa barricada. Examinou com cautela a rua. Ninguém de um lado. Ninguém de outro. De repente, o mundo pareceu pequeno e vazio. Teve medo, mas precisava alimentar as bocas que choravam por comida. Os barulhos dos tiros cada vez mais altos. Com sorte, chegou à padaria do bairro e, num piscar de olhos, estava de volta ao lar. No portão de casa, tirou a máscara e respirou aliviada. Ponto cego. Ela já estava na mira de um vizinho à paisana. Um espirro dele e tudo se desfez.



LOCKDOWN

A preta da favela,
há tanto tempo na fila,
celebrou o auxílio,
arrastando sua filha.

Sem água corrente,
voltou à sua ilha:
o velho barracão
com sua compra andarilha.

O galpão, sua vala,
já fora liberdade,
um refúgio, um ninho,
na aglomerante cidade.

A sacola com um vírus
invisível a alvejara,
entregando à efemeridade
aquele corpo que acertara.



ESPETÁCULO

– Oi? Tenta! Tenta não sangrar.
Depois que o mundo virou
e seus dentes mostrou
como vais ignorar?

– Oi? Tenta! Tenta não gritar
essa dor miúda
que transpassa aguda
de fora a fora teu lar.

– Oi? Tenta! Tenta não te abalar
com os corpos-peneiras
aqui, ali, acolá.

Congelados na tela do celular,
vulneráveis, sem eira nem beira,
espetados de medo, nosso lugar.

SUOR

No meu olho e na mão,
nos meus pés peregrinos,
que apontam destinos,
tem sangue. Até nesse pão!

Percorre, revida,
meu corpo errante;
um desejo escaldante
sopra ventos de vida.

Meu suor, eu centelho.
Sem-Terra, fui segregado.
Do meu chão espoliado,
Serei levantado em vermelho.

NO CALOR DA LUTA

Vi teu rosto no cais
pela cortina de fumaça,
numa tempestade de gás
que ideologias entrelaça.

O mundo ficou suspenso
à base do interdito.
Logo ficou propenso
e acabou rompendo o rito.

Em meio ao mar bravio
do nosso sangue quente,
no teu peito, meu estio,
quero deitar de repente.

Para além dos lampejos
e bombas de gás,
encontro em bordejos
teu beijo fugaz.

CENSURA

Espeto a censura
bem no coração.
Mastigo
com mostarda e vinagre.

Pego meu lado
de dentro
com todas as vísceras
e tatuo exposto nos versos:

“Toma a tua alforria, amor.
Corre. Pede asilo político
em outro coração,
se ainda desejar viver.”

BRASIL EM DOIS ATOS

Brasil de 2019

[Ato I: Hoje]

Posso negociar
a fatura do cartão;
o carro financiado,
comprado à prestação;
a bandeja de ovos,
a carne seca e o feijão.

Posso dividir
a conta na cantina;
a cerveja parcelada,
tomada com as meninas –
devassa, subversiva
que embriaga e fascina.

Posso ir às ruas,
bradar insatisfação
com o preço da passagem,
na revolta do busão,
entre outras tantas,
da gasolina ao pão.

[Ato II: Amanhã]

Terei como
negociar minha fala,
com aquele que me odeia,
que me oprime e me cala?
Que até o meu silêncio
manda para uma vala?
Que não me vê humana,
mas parte da senzala?
Que trucidada ser humano,
assim, em larga escala?

Meu grito, senhores,
já tem mais-valia.
Nele, há muita agonia
e muita força de trabalho.
Panfletário?
Não diria.

wNessa terra de gigantes,
a voz é o que me resta.
Dentro da democracia,
o que não falta é aresta.

Falta visibilidade,
nessa notável floresta,
cheia de porcos, ratos e bois
em diversidade manifesta.

Assim como um ator,
minha fala sai em atos
sentida, encenada
entra em cena no teatro
dos horrores do Brasil,
colapsado, varonil,
repletos de maus-tratos.

MIQUEL

Aquele cheiro solvente,
coloridamente pestilento,
de tinta fresca nas unhas
se desprende da patroa,
escorreu em queda livre
até encontrar
a outra mulher,
passeando com um cachorro.

Via de mão única.
Vida que não dá
para repetir, rebobinar,
espatifada no chão:
“Migueeeeeeeeeeeel!”

A mãe preta urra um grito
de 35 metros,
ancestral, visceral,
incompreendido
pelos humanos,
abafado pelos latidos do cão.

A impunidade secou
na velocidade da tinta.

COVID
COV! COV!
-ID!
COV... A

Em solidariedade à Mariana Ferrer.

*“a tirania entre muitas outras vantagens,
tem o privilégio de fazer e dizer o que lhe
apraz.” (Antígona – 442 a. C.)*

“Estupro culposo!”,
ele escreveu.

Dopada pelo machismo,
fui tateando as paredes frias
da minha cela,
previamente preparada pelo violador.

A música eletrônica
martelava:
violador!
violador!
violador!

Viola a dor minha
de todos os dias
num mantra entorpecente.

Sigo emparedada
pelo violador,
pelo juiz,

pelo Estado
de coisas que me embrulham o estômago.

Na audiência...
o hálito ébrio da gargalhada
que me esbofeteia;
o dedo em riste
que me enterra viva;
uma sentença
que bolina a minha honra,
ou o que restou dela.

Não, juiz, esse estupro
está sendo coletivo.
Meu sangue tinge descaradamente
as mãos desse sistema.

E, pela segunda vez,
senti medo por ser mulher.

NOTA DE PESAR

A vida se despede.
Em instantes, se recolhe.
Fecha ciclos tormentosos.
O colo da morte a acolhe.

Nesses tempos de desdém,
nesta era de desgosto,
o céu estará azul
novamente no mês de agosto?

São tantas notas pesadas.
São tantas lágrimas medidas.
Quem vai curar estas chagas?
Quem vai lavar as feridas?

Um tempo em que a poesia
não se refugia no vento.
Parece que nosso grito
ficou jogado ao relento.

SELVAGEM

A indomável palavra,
em selvageria aflita,
atônita não me aceita
em sua índole infinita.

Não se curva, mostra garras.
Nega cordas e algemas.
Só entende meu silêncio,
eis o meu estratagema.

Na luta, corpo a corpo,
sou desastrado e controverso.
Mas, na caverna do poema,
asa solta é meu verso.

INSTÁVEL

Sem escudo,
coloquei o pé na calçada.
É inútil sentir o asfalto.

Cápsula de gente
sobre quatro rodas,
com vidros fechados,
nessa guerra invisível,
andam feito insetos
pela cidade.

O mundo não está
às mil maravilhas...
A proteção e o desamparo
são univitelinos.

The background is a dark, monochromatic illustration with a heavy, painterly texture. On the left side, a leather jacket is depicted, showing its collar, buttons, and a strap with several metal studs. The right side of the image is dominated by a large, vertical, textured shape that resembles a tree trunk or a piece of weathered wood, with deep vertical grooves and a rough surface. The overall mood is gritty and industrial.

PARTE 4
CAMPOS
ELÍSIOS

RETORNO

Volto para casa
com o meu escudo
ou sobre ele.

Sou um memorial inteiro.

CIDADE NATAL

Do rio para o mar, silente
encontro a cidade Natal,
esquina do continente,
esteio do meu umbral.

O vibrante azul do céu
parece pintar o mar.
O vívido sol é o véu
em águas a sublimar.

A natureza da noiva,
desdobrando-se em viço,
que de amor é afoita,

também tem seu feitiço.
Quem a conhece, volta
de saudade, ou por capricho.

SONHO

Já respirei poesia
Debaixo d'água
Quando estava me afogando.

BOUGAINVILLES

(Em memória às vítimas de covid19)

Não repousarei
numa laje fria.
Voarei sobre a relva
com o vento que acaricia
as paredes das construções antigas,
tomadas pelas bougainvilles,
em nômade morada...
Os trovões, em silêncio,
me farão reverência.

300

Eu saía de casa,
como se o fim
estivesse sempre
próximo.

Enquanto eu escrevia
minha pálida poesia,
num sopro,
a pandemia varria
300.

300
de Esparta.
300
mil vidas.
Contei meus dias
pelas almas
e pelas feridas.

300 mil vidas
em notas de pesar.
Esses dados de guerra,
quando hão de findar?

Natal, 24 de março de 2021.
1 ano de pandemia em um Brasil fascista.

Kalina Paiva

Este livro foi composto em Electra LT Std, Geizer,
Arial e Gotham Condensed e impresso em cartão Triplex
250g/m² (capa), Pólen Natural 80g/m² (miolo) pela psi7
- Printing Solutions & Internet 7 e S. A., São Paulo/SP,
para a Editora Trairy em setembro de 2022.